
NARRATIVAS CALVINIANAS: DA DESCRIÇÃO DO EXPLORADOR AO PERCURSO DO ANDARILHO

*Eduardo Marandola Jr.**

Resumo

Em As cidades invisíveis, o escritor italiano Italo Calvino utiliza a metáfora da cidade para falar do significado da existência humana. Cidade e homem se confundem. O autor fala da essência da condição humana ao procurar a essência de diferentes cidades, que por serem “invisíveis” aos olhos do grande Imperador, Kublai Khan, não deixam de ser imaginárias ou reais. Marco Polo, o viajante que descreve (no sentido fenomenológico) ao grande Imperador, circunscrito ao seu palácio, as cidades que visita, é como o explorador de Antoine de Saint-Exupéry em O pequeno príncipe, fornecendo a nós, os geógrafos, informações sobre o mundo, suas cidades e sua essência. Cidades femininas e misteriosas, tanto àqueles que as experienciam quanto àqueles que obtém relatos de seus habitantes.

“Nós escrevemos coisas eternas.”

O geógrafo em *O pequeno príncipe*, de Saint-Exupéry

A descrição dos exploradores

No clássico livro de Antoine de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*, o geógrafo é um sábio, “*um especialista que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos*” (Saint-Exupéry, 2003: 44). Isto pareceu ao pequeno e

* Geógrafo, doutorando em geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (IG/Unicamp). E-mail: eduardom@ige.unicamp.br

curioso príncipe viajante algo fabuloso. Mas logo o príncipezinho, com suas perguntas certeiras e escrutinadoras, descobriu a verdade: aquele geógrafo era um ótimo catalogador, e dependia inteiramente dos relatos dos exploradores, que lhe informavam sobre todas aquelas coisas. Ele não conhecia nem mesmo o seu grandioso planeta, pois “o geógrafo é muito importante para estar passeando” (Saint-Exupéry, 2003: 45).

E quem eram os exploradores? Qualquer um que tivesse informações fidedignas, merecedoras de serem registradas nos grandes livros que o geógrafo manuseava e escrevia. E por que tipo de informações o geógrafo se interessava? “*Nós escrevemos coisas eternas.*” A flor do príncipe, por exemplo, não era do interesse do geógrafo, pois ela está “ameaçada de desaparecer brevemente”.

Este geógrafo, homem sábio e culto, que conhece o número e a localização dos mares, cidades, desertos, montanhas e rios, porém, estava muito longe de entender o significado de tudo aquilo. Ele estava interessado na exatidão, no que é imutável, no eterno. “*Os livros de geografia – disse o geógrafo – são os mais exatos. Nunca ficam ultrapassados. É muito raro que uma montanha mude de lugar. É muito raro um oceano secar.*” (Saint-Exupéry, 2003: 46)

De certa maneira, os geógrafos de hoje também dependem muito de exploradores. Estes são de diversos tipos. Há os que exploram outros “reinos disciplinares”. Estes nos trazem informações valiosas sobre como são aqueles reinos e o que se passa por lá, enriquecendo nossa própria prática e nosso pensar. Há também os exploradores que têm experiências diferentes. Estes enriquecem os nossos “mapas” e nossos “livros” com suas existências singulares e modos de viver. São as cores, texturas e odores das experiências humanas sobre a Terra.

Como o geógrafo pode ter acesso às descrições dos exploradores? Seria o geógrafo um explorador? E os exploradores, não teriam de ser geógrafos?

Nem todos os geógrafos são exploradores, e nem todos os exploradores são geógrafos. Mas os geógrafos-exploradores são aqueles que têm melhores condições de preencher e traçar seus “mapas”, pois suas explorações os levam tanto à descrição de outras formas de pensar quanto a outras formas de viver. Mas o geógrafo não é capaz de explorar tudo. Então, ele se vale muito da exploração de outros, geógrafos ou não, que lhe trazem relatos de outras formas de olhar, de outras experiências, de outras terras e

de outros reinos. Assim, o geógrafo passa a ter um horizonte maior, conhecendo mais e melhor a natureza da Terra e do Homem.

Podemos encontrar inúmeros exploradores, que realizam riquíssimas descrições que nos conduzem a lugares e territórios quase inalcançáveis. Italo Calvino, escritor italiano falecido em 1985, é um destes exploradores que, sem qualquer preocupação com a Geografia, nos fornece relatos extraordinários que levam os geógrafos ao fruto mais cobiçado do universo: a existência humana. E a forma de acessarmos estas descrições não é a de se postar em uma escrivaninha, aguardando a chegada de novos exploradores. Para acessá-las, temos de andar. Temos de ser exploradores-andarilhos, ou cartógrafos-geógrafos (Marandola Jr., 2005). Além disso, não podemos ter a preocupação exclusiva com o exato. Se apenas nos detivermos em “coisas eternas” não veremos as flores, por exemplo, e nossas descrições e mapas estarão fadados à falsa impressão de certeza, oriunda da distorcida visão da realidade objetiva.

Efêmero e eterno são dados da mesma realidade, apenas em escalas espaço-temporais distintas. Quem os pode diferenciar?

As cidades possíveis

Italo Calvino nos leva aos labirintos da existência humana ao mesmo tempo que nos leva à essência da maior de todas as construções humanas: a Cidade. Ele fala da Cidade para falar do Homem. Mas fala do Homem para falar da Cidade. Homem e Cidade se tornam um, e Calvino desvela ambos nas descrições que faz de suas cidades invisíveis (Calvino, 1990).

Ele se utiliza de forma magistral do explorador veneziano Marco Polo, como personagem central ao lado do grande imperador mongol Kublai Khan. Polo era um dos emissários que percorriam o grande império tártaro, visitando e vistoriando suas cidades e trazendo relatórios ao imperador. Contudo, Marco era diferente dos demais. Enquanto os outros mensageiros detinham-se no número de venda das cerâmicas, ou no fluxo de visitantes e de habitantes, Polo detinha-se em buscar a essência de cada cidade. Para ele, o fundamental era o invisível para a maioria. O que um olhar desatento não consegue captar. Marco percorre as cidades atento às “*formas de convivência humana*”, às “*razões invisíveis pelas quais existiam as cidades*”, ao “*odor dos elefantes*” no fim

da tarde, após a chuva, ou às “cinzas do sândalo que se resfriam nos braseiros”. E com isso trazia à Khan, na solidão de seu palácio, “a filigrana de um desenho tão fino a ponto de evitar as mordidas dos cupins” (Calvino, 1990: 124).

Como um verdadeiro explorador, daqueles que descrevem no sentido pleno da palavra (fenomenológico), Marco trazia as informações mais valiosas para o Imperador, que as reunia em seu grande Atlas que continha todas as cidades de seu império. Seu trabalho era como o de um cartógrafo: mapear as cidades invisíveis, as várias cidades essenciais (Marandola Jr., 2005).

No entanto, as descrições de Marco contêm o traço essencial, o traço fenomenológico, como explicou ao imperador.

– Quando você retornar ao Poente, repetirá para a sua gente as mesmas histórias que conta para mim?

– Eu falo, falo – diz Marco –, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os campanários de descarregadores e gondoleiros às margens do canal diante da minha casa no dia do meu retorno, outra ainda a que poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas genoveses e colocado aos ferros na mesma cela de um escriba de romances de aventuras. Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido.

– Às vezes, parece-me que a sua voz chega de longe até mim, enquanto sou prisioneiro de um presente vistoso e invisível, no qual todas as formas de convivência humana atingiram o ponto extremo de seu ciclo e é impossível imaginar quais as novas formas que assumirão. E escuto, por intermédio de sua voz, as razões invisíveis pelas quais existiam as cidades e talvez pelas quais, após a morte, voltarão a existir. (Calvino, 1990: 123-4)

Se em cada ponto diferente do plano oblíquo da Terra você direcionar o olhar para qualquer cidade e vir, em cada momento, uma outra, é porque esta é a sua cidade, e não aquela que se localiza onde seu olhar está direcionado. Então as palavras de Polo ao Grande Khan tornam-se mais verdadeiras: “Quem comanda a narração não é a voz:

é o ouvido.” Conseqüentemente, quem comanda a imaginação não é a imagem, mas o olhar. E quem comanda a interpretação não é a escrita, mas a leitura.

Assim se entende o trabalho do explorador que busca descrever as cidades possíveis. As cidades imaginárias descritas, por mais que se efetue o esforço na “busca das coisas mesmas”, são o resultado da leitura do explorador, através do seu percurso, da sua experiência e dos seus próprios juízos de valores. Não se podem atribuir estas descrições à voz, ou à imagem, ou à escrita. A responsabilidade é do ouvido, do olhar e da leitura.

Mas como podemos percorrer estas cidades invisíveis? Como acessá-las?

Como cidades possíveis, as cidades invisíveis são todas as cidades, podendo ser entendidas através de pelo menos dois procedimentos. O primeiro é o do Grande Khan, que imaginou um modelo para descrever todas as cidades: pensou uma cidade ideal, que ao distanciar-se dela em todas as direções, acrescentando-lhe peculiaridades, sempre se estaria descrevendo uma cidade existente. O segundo é o de Polo, que imaginou uma cidade só feita de exceções. Igualmente, ao se distanciar dela em todas as direções, eliminando as exceções, também se obteria a descrição de todas as cidades existentes.

Assim, para o Grande Khan não havia muita diferença se as cidades que o explorador lhe trazia eram objetivamente verdadeiras. Muito diferente do geógrafo do Pequeno Príncipe, Kublai valorizava os relatos de Marco pela fineza de sua descrição e pela busca essencial que este empreendia na procura do sentido e “espírito” de cada cidade.

E encontravam as inúmeras cidades possíveis.

Porém, as cidades invisíveis que Polo descrevia não estão acessíveis. Elas são “*invisíveis justamente para aqueles que não sabem como chegar, e portanto não as podem ver*” (Galeffi, 2000: 68). Mas este grande Atlas não tem o objetivo de nos guiar através de rios, mares, cidades e morros. Ele é como os modelos de Khan ou de Polo: retirando e colocando elementos, combinando características, podemos acessar todas as cidades possíveis.

Mas qual é o caminho para este Atlas?

O percurso do andarilho

A única forma de acessar as cidades invisíveis é através do percurso do andarilho. Não podemos apenas esperar as descrições dos exploradores, postando-nos como geógrafos em nossas escrivatinhas. Temos de ser exploradores e, para sermos tais, temos de tomar o caminho do andarilho. Como um cartógrafo-geógrafo que se põe em marcha para perscrutar as paisagens e espaços, temos de nos pôr em marcha em busca de tais cidades. Acompanhemos Polo e Khan em algumas das cidades descritas no Atlas do imperador. E por meio delas, quando a caminho, poderemos vislumbrar infinitas cidades possíveis.

Irene, por exemplo, é uma cidade que não é a mesma para cada um de seus habitantes, ou para aqueles que a vêem de cima, do planalto, ou a vêem de dentro, e de dentro quando estão indo embora, ou de dentro quando estão chegando. Ela é vivida e experienciada de maneira diferenciada por cada existente.

Irene é a cidade que se vê na extremidade do planalto na hora em que as suas luzes se acendem e permitem distinguir no horizonte, quando o ar está límpido, o núcleo do povoado: os lugares onde há maior concentração de janelas, onde a cidade rareia em vielas mal iluminadas, onde se acumulam sombras de jardins, onde se erguem torres com fogos de artifício; e, se o entardecer é brumoso, uma claridade anuviada infla-se como uma esponja leitosa aos pés da enseada. (Calvino, 1990: 114)

Assim como Irene, as cidades vividas por cada habitante referem-se a uma combinação muito grande de elementos, subjetivos e objetivos, de natureza espacial, cultural, existencial, ambiental, social, econômica e assim por diante. O imaginário urbano é identificado através de traços e indícios, de peças componentes e de indicações. Ele se constitui no encontro e coexistência destas existências e no embate e combinação entre elas na elaboração da própria cidade. Assim apresentam-se as imagens urbanas, os sentimentos topofóbicos e topofílicos, a paisagem sonora e o espaço existencial. Cada um deles mantém vinculação e ao mesmo tempo contribuição na constituição do imaginário urbano, expressando-se nas experiências existenciais e na vivência coletiva.

Marco arremata:

A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes; talvez eu só tenha falado de Irene. (Calvino, 1990: 115)

Mas não é apenas em Irene que somos expostos à incerteza. Em *Zoé* também ficamos cheios de dúvidas, com os pontos da experiência sendo confundidos na nossa mente e a existência permanecendo dúbia: ela é única ou múltipla?

Em todos os pontos da cidade, alternadamente, pode-se dormir, fabricar ferramentas, cozinhar, acumular moedas de ouro, despir-se, reinar, vender, consultar oráculos. Qualquer teto em forma de pirâmide pode abrigar tanto o lazareto dos leprosos quanto as termas das odaliscas. O viajante anda de um lado para o outro e enche-se de dúvidas: incapaz de distinguir os pontos da cidade, os pontos que ele conserva distintos na mente se confundem. Chega-se à seguinte conclusão: se a existência em todos os momentos é uma única, a cidade de Zoé é o lugar da existência indivisível. Mas então qual é o motivo da cidade? Qual é a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos? (Calvino, 1990: 34)

Em *Zoé*, é colocada a possibilidade de uma existência única no tempo e no espaço, indivisível. Mas, se existe tal existência, como diferenciar os tempos e os espaços? Qual é a linha demarcadora? Onde podemos dizer que estamos, a cada momento, separadamente de cada ser, objeto e ambiente? Mas, se não é assim, como conceber nossas experiências dissociadas de tudo que nos rodeia? Como conceber nossa experiência e existência distanciadas de nossa cidade? Novamente: como delimitar a linha demarcatória?

É difícil dizer se há tal lugar da “existência indivisível”, como *Zoé*, embora reconheçamos que a busca pelo imaginário é, de certa forma, uma busca de algum traço de uma existência que seja compartilhada, indivisível. Há uma diferença, no entanto,

entre a existência cidadina, da cidade como constructo vivido, e a existência nas existências, que é o percurso por onde procuramos caminhar. As cidades invisíveis estão no segundo, e é na experiência que o explorador irá andar, em busca das possibilidades e das cidades. Por isso não ter muitas idéias *a priori* é importante, para que não se feche ao pensamento e deixe-se, desta maneira, de perceber o que lhe é sensível mediante a experiência. “Buscar as coisas mesmas” no espaço existencial (Entrikin, 1980) é, acima de tudo, manter a experiência relacional ativa e bem-vinda. Sem dúvida, como disse Yi-Fu Tuan, “*experienciar é vencer os perigos*” (Tuan, 1983: 09). E um destes é não estar absolutamente certo do que se experiencia e sente, e, o que é mais grave (ou não), não estar absolutamente certo do que existe...

Nestas incertezas, e neste mosaico fragmentado de cidades possíveis, encontramos um cenário multifacetado e poliforme, manifestado nas duas esferas ou nas duas faces da cidade, como em *Valdrada*. Na verdade, há pelo menos duas cidades: a que se apresenta perpendicular ao lago, a que sobe pelos edifícios e casas, e o seu espelho, disforme pelo movimento da água e das pessoas.

Os antigos construíram Valdrada à beira de um lago com casas repletas de varandas sobrepostas e com ruas suspensas sobre a água desembocando em parapeitos balaustrados. Deste modo, o viajante ao chegar depara-se com duas cidades: uma perpendicular sobre o lago e a outra refletida de cabeça para baixo. Nada existe e nada acontece na primeira Valdrada sem que se repita na segunda, porque a cidade foi construída de tal modo que cada um de seus pontos fosse refletido por seu espelho, e a Valdrada na água contém não somente todas as acanaladuras e relevos das fachadas que se elevam sobre o lago mas também o interior das salas com os tetos e os pavimentos, a perspectiva dos corredores, os espelhos dos armários. (Calvino, 1990: 53)

A primeira não pode ser chamada de verdadeira. Ela é a cidade da experiência, tal como é vivida pelas pessoas. Mas a segunda também não. Ela é a cidade da imagem, tal como é refletida e vista. Não se pode dissociá-las, eliminando uma ou outra. São indissociáveis e interdependentes, apesar de terem suas características singulares. A primeira traz a existência e experiência humana. A segunda, o desejo e as

manipulações. Porém, estes desejos e manipulações também significam a existência e a vivência de quem vive na cidade, pois desta imagem espelhada não se pode fugir, estando seus cidadãos freqüentemente preocupados com o desenvolvimento de sua imagem e da própria cidade. Mas, para acessar a existência e a experiência, é necessário concentrar-se na primeira, considerando a segunda simultaneamente. Isto porque é na cidade perpendicular que é possível “buscar as coisas mesmas”. É a descrição das “coisas como elas são”, sem ignorar a imagem, a cidade invertida no espelho, sem se esquecer das distorções do espelho e de sua matriz.

Às vezes o espelho aumenta o valor das coisas, às vezes anula. Nem tudo o que parece valer acima do espelho resiste a si próprio refletido no espelho. As duas cidades gêmeas não são iguais, porque nada do que acontece em Valdrada é simétrico: para cada face ou gesto, há uma face ou gesto correspondente invertido ponto por ponto no espelho. As duas Valdradas vivem uma para a outra, olhando-se nos olhos continuamente, mas sem se amar. (Calvino, 1990: 54)

O sempre presente problema é a distinção de um e de outro: como distinguir o que há dentro e fora da pálpebra? Não devemos, no entanto, buscar fazer a distinção, antes, devemos ansiar realizar a junção. Daí vem o sentido orgânico no elo imaginário-homem-meio. Todos estes fenômenos são vistos como constituintes de uma mesma membrana sensível entendida por nossas mentes como realidade. O que devemos fazer é apenas o caminho da tensão ao percurso. Tensão empírico/imaginário ao percurso do andarilho, em busca destas vivências.

Nesta multifacetada realidade, diferenciada espacialmente, ainda há uma variação infinita na esteira do tempo. Temendo ser *Zora*, as cidades mudam sempre e rapidamente.

Ao se transporem seis rios e três cadeias de montanhas, surge Zora, cidade que quem viu uma vez nunca mais consegue esquecer. Mas não porque deixe, como outras cidades memoráveis, uma imagem extraordinária nas recordações. Zora tem a propriedade de permanecer na memória ponto por ponto, na sucessão das ruas e das casas ao longo das ruas e das portas e janelas das casas, apesar de não demonstrar particular beleza

ou raridade. O seu segredo é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota. (Calvino, 1990: 19)

Muitas cidades não buscam ser lembradas ponto por ponto. As cidades novas, em especial, surgidas no ápice da modernização, sempre desejaram ver a expressão de espanto daqueles que a visitavam de vez em quando e, boquiabertos, tentavam recordar-se da cidade de então.

Nas metrópoles, a relação é outra. Como em *Maurília*, onde os habitantes mostram aos visitantes os cartões postais da Maurília de então.

Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuidado, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual, todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões-postais, enquanto antes, em presença da Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso, e ver-se-ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional – que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi. (Calvino, 1990: 30-1)

Nas cidades que não buscam ser lembradas ponto por ponto, como Zora, não se espera que os visitantes louvem a cidade de então; espera-se que confirmem, como pensam seus habitantes, que a cidade de hoje é melhor que a anterior, porém, a cidade de então possui um brilho, uma atratividade que só é presente nos cartões-postais. Já na metrópole, a recordação é um refúgio das mazelas assumidas pela urbe, que oprime os moradores e os faz desejar algo que se foi: melancolia.

Mas este saudosismo, na verdade, é por outra cidade, que por coincidência tinha o mesmo nome.

Evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si. Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil querer saber se estes são melhores do que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles, da mesma forma que os velhos cartões-postais não representam a Maurília do passado mas uma outra cidade que por acaso também se chamava Maurília. (Calvino, 1990: 31)

Mas qual é a pena de ser Zora, tentando permanecer imutável para a memória?

Mas foi inútil a minha viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definhou, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo. (Calvino, 1990: 20)

Assim, como conhecer e descrever tais cidades? Como compreender a membrana sensível que separa existência/experiência do imaginário/cultura? Como reconhecer suas singularidades entre os processos que se repetem? Onde estão as cidades invisíveis? E as visíveis?

O desenho do atlas

Acompanhando Polo, nos esforçamos em descrever algumas das cidades invisíveis, não como os únicos a trazer tais relatórios, mas nos juntando a um número reduzido de “Marcos Polo” neste grande “Império Geografia”. Estivemos em busca de “Zoés”, sem saber exatamente o que encontraríamos no caminho, se haveria lembranças, se haveria sentimentos e laços ou se haveria aversão. E encontramos inúmeras cidades distintas, cada uma com suas edificações e ruas, asfaltadas ou enlameadas, cada uma com suas próprias tabernas, bares e letreiros luminosos. Contudo, as “Zoés” de Polo continuaram desaparecidas, pois a vivência indivisível da cidade ainda permanece como uma busca inacabada.

Mas, sem dúvida, há muitas “Valdradas”, onde os antigos construíram cidades à beira de um lago, com grandes casas repletas de varandas, mas também com casebres pobres feitos de qualquer material. As duas cidades que se apresentam, uma paralela e outra perpendicular ao lago, mostram estas várias faces das “Valdradas”, que não podem ser limitadas à beleza de seus parapeitos balaustrados.

Caminhando e percorrendo muitas milhas, podemos encontrar, escondidas por trás de rios e montanhas, “Zoras”, lembrando-as depois ponto por ponto, quando o sono não quiser vir, e imaginando-se caminhando por entre suas ruas, recordando-se de seus receios e lembranças, do barro e da saudade do tempo que ficou, mas sem esquecer do orgulho do sucesso alcançado. Nem todas as “Zoras”, contudo, se esforçam por permanecer imóveis para facilitar a memorização. Na verdade, podemos nos enganar se pensamos estar percorrendo “Zoras”. Estas deixam de existir na primeira mudança dos cartões-postais. Muitas das cidades que percorremos são, na verdade, como “Maurílias”: outras cidades no lugar em que havia outras que, coincidentemente, também se chamam “Zoras” e “Maurílias”.

Mas nenhuma destas foi ou deixou de ser como “Irene”. As infinitas cidades possíveis, as infinitas cidades experienciadas. No espaço existencial, cada cidade é mil, e mil são as possibilidades. Sem dúvida, *“quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido”*.

Em vista disso, as “cidades invisíveis” mapeadas aqui não são acessíveis. Elas são os hologramas que produzem a grande cidade, a que é vista no espelho d’água, ou a que é vista do planalto, ou aquela que é lembrada nos cartões-postais, ou aquela que o viajante contempla quando por ela trafega. A possibilidade da experiência indivisível da cidade parece uma utopia, pois não há sequer a cidade indivisível. A cidade que se vê é o resultado destes fragmentos, e não há ordem ou dimensão. Cada existente possuiu a sua cidade, e não há caminhos para chegar até elas. Apenas ouvimos falar de suas balaustradas e de suas coifas platinadas, como sons abafados no fosso de um elevador.

Mas não podemos nos contentar em ouvir a descrição dos exploradores. Temos de percorrer os seus caminhos, como andarilhos-exploradores e como cartógrafos-geógrafos. E na busca da experiência e do desenho do atlas, temos de continuar a escavação arqueológica pelas camadas de mediação que a existência na cidade moderna

implica; procurando os sentidos essenciais que ligam homem-cidade e homem-mundo, e que descrevem sua cumplicidade e envolvimento.

Buscar o sentido essencial destas cidades em suas escalas de vivência (coletiva e individual) poderá nos fornecer relatos novos de experiências urbanas possíveis e de fragmentos do imaginário urbano que constitui e é constituído na historicidade e na espacialidade essenciais da cidade.

A lição do Pequeno Príncipe e de Marco Polo está na necessidade de permanecer com o espírito curioso do explorador, ao mesmo tempo em que se mantêm a disposição do andarilho e o refinado esmero do cartógrafo. Assim, não teremos apenas belos mapas e atlas, mas teremos, sobretudo, maior conhecimento das geografias de nossas cidades, em um sentido essencial, que não se limita a um conhecimento disciplinar, mas envolve a própria existência humana em sua multidimensionalidade. O desenho deste atlas depende de nossa capacidade de sermos exploradores, andarilhos e cartógrafos ao mesmo tempo, descrevendo e ouvindo o relato de outros exploradores, andarilhos ou existentes. Este é o trabalho do cartógrafo-geógrafo, semelhante ao do “[...] *sonoplasta que anda pela cidade em busca dos sons que a descrevem, ou [d]o cineasta que vaga com sua câmera a tentar captar a essência da cidade*”. (Marandola Jr., 2005: 3)

Contudo, mesmo que não conheçamos o mapa para as cidades invisíveis, é possível que haja o caminho para cada uma delas descrito no Atlas do Grande Khan, ao lado de sua descrição feita por Polo. Talvez estejam todas perdidas no deserto da Mongólia, onde apodrecem junto com a memória do império tártaro. Ou talvez elas estejam exatamente debaixo de nossos narizes, e não conseguimos sequer sentir seu cheiro.

Como encontrá-las? Como experienciá-las? De exploradores a andarilhos, ponhamos a caminhar e desenhemos nossos próprios atlas!

Abstract

In *Invisible Cities*, the Italian writer Italo Calvino uses the metaphor of the city to discuss the meaning of human existence. City and man run together. The author speaks of the essence of the human condition in the search for the essence of different cities, which, although “invisible” to the eyes of the great Emperor Kublai Khan, are nonetheless imaginary or real. Marco Polo the voyager

describes (in the phenomenological sense) the cities he visits to the great Emperor, closed inside his palace. Marco Polo is like the explorer in Antoine de Saint-Exupéry's *Little Prince*, that gives geographers information about the world, its cities and its essences. The cities are mysterious and female, both to those who experience them and to those who hear the accounts of their inhabitants.

Referências bibliográficas

- CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150p.
- ENTRIKIN, J. N. O humanismo contemporâneo em Geografia. In: *Boletim de geografia teórica* n.19. Rio Claro: AGETEO, 1980, v.10, p. 5-30.
- GALEFFI, E. M. Italo Calvino e o simbolismo de *As cidades invisíveis*. In: *Ágere: Revista de Educação e Cultura*. Salvador, 2002, v.2, p. 61-9, jul./dez.
- MARANDOLA JR., E. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6. Goiânia. *Anais e contribuições científicas*. Goiânia: AGB. 2004. 12p. [CD-ROM]. Disponível em: <<http://www.cibergeo.org/agbnacional>>
- _____. Mapeando "londrinhas": imaginário e experiência urbana. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 1. In: *Anais*. Londrina: LPUR/DGEO/UDEL. 2005. 25p. [CD-ROM].
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971. 465p.
- SAINT-EXUPÉRY, A. de. *O pequeno príncipe*. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2003. 78p.
- TUAN, Y.-F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. 288p.
- _____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 249p.